

CORPO & ALMA DA PSICANÁLISE

MD Magno

Extrato de palestra no ciclo sobre *Psicossomática*,
promovido por Dr. Ernesto Laporta,
no Hotel Rio Palace/RJ, 26 abril 1997.

Minha presença aqui se deve ao amável convite do Dr. Ernesto Laporta, ocasião que aproveito para retribuir sua simpática visita à nossa casa há pouco tempo. Lamento não ter tido disponibilidade, por motivo de outros compromissos, para assistir as conferências anteriores, e me desculpo com os colegas. Teria aprendido muita coisa e, sobretudo, teria tido a oportunidade de tecer algumas correlações com o que foi apresentado anteriormente.

O que posso colocar com o título que dei - **Corpo & Alma da Psicanálise** -, que se remete à questão proposta pelo Dr. Laporta sobre a psicossomática, está adscrito ao que venho produzindo em alguma diferença para com o percurso previamente seguido, acompanha de início o pensamento de Freud e passa mais radicalmente ao pensamento de Lacan. A partir de 1986, começo a reconhecer minha própria experiência e a reformatar o que me parece dever ser a psicanálise. Isso ganhou o apelido de **Nova Psicanálise** e, desde então, tem apresentado suas posturas próprias. O que posso lhes trazer a respeito de psicossomática é, pois, uma sugestão de trabalho, de abordagem do tema, em conformidade com a perspectiva propiciada pela Nova Psicanálise a partir de seus teoremas próprios.

[Segue exposição sobre os elementos constituintes da Nova Psicanálise]

Como vimos, tudo se passa entre Primário e Secundário. É o nosso maior campo de batalha. Então, o que chamamos de Psicossomática será o quê? Segundo os teoremas que lhes apresentei, digamos que o que chamamos de somático é (não apenas, mas) sobretudo o campo do Primário. A dita psicossomática e os que tratam do tema costumam situar mais genericamente o somático aí, em autossoma e etossoma. Não diria que é bem assim, pois, quando o Secundário se decanta com muita força e toma o poder, fica tão psicoticamente

parecido com o Primário que vira corpo praticamente. Algumas, digamos, calcificações do Secundário começam a ficar quase idênticas ao Primário. E o que chamamos *psi* não é senão os jogos possíveis dentro do Secundário, sobretudo quando este se deixa co-mover pelo Originário. São os momentos de criação, de renovação, de arrancar do indiscernível do mundo alguma nova discernibilidade, de forçar a barra de uma coisa nova. Existem, então, supostamente, questões clínicas e técnicas da ordem do que mais freqüentemente chamamos psicossomático, ou seja, o aparecimento de transformações nos corpos que técnicos, médicos, psicanalistas, psiquiatras, etc., querem supor que sejam de origem psíquica. Querem supor, nada provam, apenas indiciam. E parece que há mesmo, que temos tido várias oportunidades de mostrar, se não pudermos demonstrar, que várias afecções têm surgimento por intervenção do Secundário. Mas o psicossomático é o campo inteiro das nossas transações. Tudo que se passa conosco é da ordem do psico-somático, depende das transações do Primário e do Secundário.

O que, regionalmente, em nosso campo, costumamos chamar de psicossomático é a suposição de que alguns comportamentos, alguns acontecimentos, algumas formações secundárias, vazam para o Primário produzindo efeitos às vezes graves. A Nova Psicanálise trabalha com os aparelhos Primário, Secundário e Originário, concebendo os movimentos entre eles, inclusive a formação de posturas nosológicas, ou de entendimento de patologia, etc., por um processo de vetorização. Diante de um fenômeno, o que interessa saber é: dado isso, para onde vai? O vetor sai do Primário para o Secundário ou ao contrário? Em saindo do Secundário para o Primário, sai direto ou por reversão do que veio do Primário? Tudo isso pensado em termos de vetorizações, pois é sobre vetores que tentamos organizar uma noção de patologia e mesmo descrever uma nosologia, se é que esta palavra serve. Tratam-se dos movimentos dos vetores entre Primário e Secundário. Procuremos, então, entender a vetorização que se passa entre esses dois campos para ver se conseguimos, pelo menos, um modo de começar a pensar a abordagem da tal psicossomática. Todas as nossas formações, legais, institucionais, científicas, etc., são da ordem da produção desse movimento sômato-psíquico, do vetor que vai do Primário para o Secundário. Ou seja, quer-se, no Secundário, fazer algo que tenha a mesma característica do Primário. Este seria seu

fundamento. Observem que isso parece até natural, pois quando vira sintoma para nós achamos tão natural que, se outro disser o contrário, somos capazes de armar uma guerra ou passar mal. Virou fé, investimos demais. Todas as nossas forças recalcantes estão associadas a essa formação e lutarão galhardamente contra todas as que disserem o contrário. Procura-se, portanto, um esteio somático para garantir que o que se está dizendo seja tomado como verdadeiro. Estamos no psicossomático aí também. Ou quando falamos em universalidade da interdição do incesto, por exemplo, vai-se buscar garantir que é mesmo universal, se não, podemos pensar em comer a mamãe e adoeceremos. Esta tem sido a história da humanidade.

O que aí acontece é da ordem da **metáfora**, no Secundário, daquilo que é do Primário. Se não quiserem esse termo, muito usado por Lacan, podem ir novamente aos gregos e dizer que é da ordem da **mimese** pelo Secundário das construções que estão no Primário. Lacan diz que tudo se diz na ordem da metáfora. Isto, embora faça o jogo pelotiqueiro de dizer que metáfora só se faz em cima de significante. Ele aboliu a metáfora em relação às formações do Haver, o que é um certo abuso. Na verdade, a tentativa de fundamentação do que quer que haja como lei e como qualquer processo no Secundário é de mimetizar a formação do Primário. Ou seja, o proibido é mimese, metáfora, do impossível do Primário: trabalha-se o suficiente, pedagogicamente, policialmente, culturalmente, para que fique parecido, para que vire um sintoma de tal maneira que as pessoas não façam a transgressão não porque lembraram que é proibido, e sim porque passam mal. Esse passar mal, o virar sintoma neurótico, é a instalação, no Secundário, de uma formação que deve se comportar como primária. Se as pessoas fizessem um pouco de análise, não ficariam passando mal quando dizemos uma barbaridade qualquer, pois não é barbaridade. Tudo é possível para a humanidade. Mas as pessoas ainda passam mal. Sobretudo, os chamados psicanalistas...

Como vimos, diferentemente do Dr. Lacan, que monta seus registros - real, simbólico e imaginário - enquanto aparelhos heterogêneos (embora, estudando-o até o fim, veremos que seus aparelhos começam a não funcionar na heterogeneidade), em meu caso, os registros - Primário, Secundário e Originário - são absolutamente homogêneos. Isso quer dizer que a substância, se é que este termo pode ser usado com facilidade, a materialidade, a carne mesma, do

Haver é uma só. Há diferenças de materiais, mas não de modos de construção, de formação, nem mesmo das suas materialidades. Os materiais são formações que se fecham e arranjam um *lock*, uma fechadura, e seu programa só é passível de ser invadido se descobrirmos a chave. Parecem heterogêneos porque são trancados, mas são homogêneos. Ou seja, **linguagem** é tudo: uma célula, a língua francesa, a galáxia *x*, etc. Só que o discurso que se diz no Primário foi constituído espontaneamente aí, é uma linguagem que não sabemos decifrar e nos viramos mediante vários aparelhos, inclusive científicos, para decifrar, para poder penetrar. É difícil, mas são apenas linguagens. No Secundário, são linguagens artificiais que produzimos. Por que conseguimos produzir? Porque somos assim. Temos o reviramento. Conseguimos produzir um processo de transcrição que é igual ao processo do Primário. Por isso, porque o campo, a materialidade, é o mesmo, é homogêneo, o conhecimento é até possível. É difícil, mas é possível. O que nos importa é que, em o campo sendo homogêneo, posso pensar que, apesar das fechaduras, podemos vazar, e vazamos com o aparelho científico: atravessamos, reconquistamos um pedaço do Primário e fazemos diabruras incríveis como a *Dolly*, por exemplo, que veio abolir da sexualidade a vocação de morte. A partir dela, a sexualidade, o sexo, é só um brinquedo, já que não é necessariamente reprodutivo. Estamos passando por essa crise, por essa revolução, não nos esqueçamos disso. Veremos o que se vai fazer com o sexo. Outra revolução é a abolição do tal Pai, pois agora a ‘maternidade’ do pai é constatável em laboratório, igualzinho à da mãe. Ou seja, ele também começa a parir, a parir espermatozóides localizados. Portanto, o pai simbólico está começando a ficar desnecessário. O papai-noel de Lacan, que chamam Nome do Pai, já era. As coisas se passam, portanto, mimeticamente, metaforicamente entre registros diferentes, construídos por modalidades diferentes, mas homogêneos. Por isso, posso passar de um lado para outro. Facilmente, passo do Primário para o Secundário.

Trata-se, portanto, da vetorização entre os dois campos, do Primário e do Secundário. Vejamos, por exemplo, a **conversão histérica**, que todos sabem que não deve se confundir com processos ditos psicossomáticos. Quero dizer que não deve ser confundida no específico, mas no todo da questão, como estou mostrando, é a mesma coisa. É, sim, da ordem do psicossomático na medida em que é algo

que se produz entre os dois campos, que joga na vetorização das forças do Primário e do Secundário. Então, é psicossomático em sentido genérico. O que faz uma conversão histérica? Vocês diriam que é igual a qualquer coisa, pois, para se poder agir no mundo, ter leis, processos, etc., é preciso metaforizar, mimetizar, no Secundário o modo de formação do Primário. A conversão histérica é um *coup de théâtre*, um golpe de teatro e, como qualquer golpe de teatro, é imitação no Secundário do que é da ordem do Primário. Todos sabem que vamos ao teatro ver algo narrado como ‘era uma vez’, ou seja, um acontecimento na base do ‘faz-de-contas’. O que, aliás, é a maior parte de nossas vidas: era uma vez alguma coisa que se constituiu como faz-de-contas. A conversão histérica é uma situação na qual o Primário finge se comportar como sintoma do Secundário, em garantia da sua verdade e comandado por ele. Isto é, o Primário finge se comportar como se comporta o Secundário quando imita o Primário. E faz isto comandado pela imitação, metáfora, sintoma, que o Secundário faz do Primário. Note-se que, apesar da aparência contrária, o vetor vai do Primário para o Secundário. Depois, essa metáfora comanda o comportamento do Primário, fazendo parecer que tudo se passa no Primário, como se fosse uma lesão somática que não é, pois não há lesão alguma. Repetindo, na conversão histérica o Primário finge se comportar como sintoma do Secundário, mas faz isto para garantir sua verdade e comandado por esse sintoma. Então, a suposta verdade da histérica é determinado acontecimento narrado em determinada frase no Secundário, mas, ao invés de simplesmente imitar-se com o Secundário o que se passa no Primário, produz-se um sintoma histérico que é conversão. Por determinação no Secundário, algo que não consigo comandar dá uma ordem para minha perna não se mexer e ela fica parálitica. No que fica parálitica, o Primário da perna começa a imitar a ordem sintomática produzida no Secundário.

Isto não é ainda o que os especialistas da área chamam de psicossomática. É uma conversão histérica em que o Primário finge se comportar como se comporta o Secundário quando o imita. Ou seja, há um sintoma, que é o Secundário se comportando na imitação do Primário, aí, consegue-se dar uma ordem para fazer o Primário imitar a imitação do Secundário. Pode dar impressão de que o vetor foi do Secundário para o Primário, mas não, é do Primário para o Secundário. O Primário vai imitar o que dantes fora imitado pelo

Secundário. É uma troca. O Secundário imita o Primário, faz um sintoma. Aí, o Primário recebe uma ordem qualquer vinda do Secundário para imitar a imitação, então, fica-se paralisado. A dificuldade é lidar com duas imitações. Um vetor começa no Secundário e imita o Primário. Isto qualquer neurose faz. No caso da conversão histérica, o vetor começa no Primário e imita a imitação que estava gravada no Secundário. Freud ficava embaraçado com isso e o encontramos por vários momentos tentando dar conta da conversão histérica, que é imitação da imitação, do mesmo modo com que dá conta do sintoma, que é mera imitação do Primário. No caso da conversão histérica, cria-se, como se fosse, uma bi-univocidade entre imitações.

Pergunto eu (e é uma pergunta para séculos, pois mesmo os psiquiatras e os neurofisiologistas, que estão fazendo a onda que fazem, não têm competência para respondê-la): em qualquer transação do Primário para o Secundário, e vice-versa, há **lesão**? Esta é a pergunta *princeps* de nossa conversa. Chamo de lesão a toda e qualquer modificação mais ou menos duradoura nos percursos cerebrais. Por exemplo, o que Freud chamava de *Bahnungen*, trilhas, trilhamentos, são lesões, ainda que provisórias e mesmo que possam ser desmanchadas. Aliás, dificilmente o são. Pode-se traçar outra *Bahnung*, mas desmanchar uma é meio difícil. Como são lesões que fazem parte da cultura, esquecemos que as pessoas estão o dia todo repetindo os mesmos atos porque têm uma lesão cerebral. São absolutamente normais, sadias, tomam banho, café, vão para o trabalho... Ou seja, robôs com uma lesão cerebral. Por que não lhes ocorre sair pela janela, andar de costas, não tomar café? Seriam coisas de gente. Quando o psicótico faz isso, dizemos que está louco. Quem sabe, segundo o filósofo chinês, não estará apenas exercitando uma diferença para não ficar viciado em suas lesões? Então, resta saber como se reconhece essa lesão lá e quais os níveis e tipos de lesão que podemos encontrar. Não há aparelhos para isso ainda.

No caso especificamente chamado de psicossomático, o que acontece ninguém até hoje soube explicar. Algo do Secundário invade o Primário: alguma formação que se passa no Secundário consegue realmente, e não como fingimento histérico, invadir o Primário. E não se sabe por onde. Nem tampouco como esse algo achou a chave para abrir o fechamento de determinada formação primária. Não se sabe por incompetência técnica, biológica, médica, por várias incompe-

tências, que são naturais, pois não conhecemos ainda. Mas dado que é homogênea a série dos registros, há que procurar a possibilidade de passagem. É muito mais difícil passar do Secundário para o Primário do que o contrário. Isto parece ser verdadeiro. Tanto é que quando queremos produzir uma prótese, uma invenção tecnológica, para invadir o Primário, o investimento é enorme, em todos os níveis. No corpo também, o investimento deve ser muito grande. Porém, acontece que formações do Secundário conseguem invadir, porque se armam de poder num determinado momento, ou simplesmente vazam. Isto porque, no Primário, a fechadura de determinada formação, muito compatível com a gramática, a sintaxe, o léxico, da formação secundária, é deixada aberta e ela vaza. Ninguém sabe ainda situar isto. É a hipótese de trabalho que estou trazendo. O Secundário invade o Primário. Ou seja, o vetor da lesão dita especificamente psicossomática vai do Secundário para o Primário. Mas o vetor só situa a questão e todos os interessados já estão carecas de saber que o entendimento do que se chama psicossomática é a invasão do psíquico no somático. O aparelho que apresento desenha a homogeneidade, os processos de fundação na cultura, na formação dos sintomas, e é ele, o aparelho, que interessa e pode eventualmente ser uma ferramenta útil.

Ora, se digo que o vetor da lesão psicossomática é este, estou dizendo que aí há hipóstase, reificação, do processo secundário. Ou seja, **a lesão psicossomática é da mesma estrutura da psicose.** Psicose é reificação do Secundário no Primário. Não no sentido de lesar o corpo, mas de que o aparelho começa a funcionar hiper-recalcadamente como se fosse um aparelho do Primário, fechado, e não se consegue achar a fechadura. Não gosto de falar ‘o psicótico’, ‘a histérica’. Isto não existe. Existem formações históricas, psicóticas, que podem ser concomitantes nas pessoas. Toma-se uma pessoa e encontramos uma baita formação histórica; tenta-se limpar e surge uma baita formação obsessiva por trás; mexe-se mais e vemos uma baita formação psicótica. Há muita formação metida lá e não sabemos qual está regendo os processos. A indicação que posso fazer como hipótese de trabalho é: o que chamamos de lesão psicossomática - o aparecimento de qualquer coisa na pele, psoríase, p. ex., dizem alguns que formações cancerosas também, e pode ser que haja predisposições, que as invasões facilitem, etc. -, dada a homogeneidade substancial de Primário e Secundário, é acontecer a abertura de uma

fechadura, de uma formação do Primário aos investimentos de uma formação do Secundário. Será que essa abertura pode ser abordada com alguns conceitos já disponíveis à psicanálise? Por exemplo, o conceito de **stress**. Não a bobagem jornalística que vemos por aí, e sim a compleição de estrutura que Hans Selie, em seu livro *The Stress of Life*, montou para conceituá-lo; os desenvolvimentos da biologia, etc. Será que é um dos modos de o Secundário, aí no caso, invadir o Primário via stress? Rompe-se o fechamento de alguma ordem primária. Outra possibilidade: será que é uma disponibilidade, uma fraqueza, no Primário em que o Secundário começa a agir por imitação e a fraqueza abre as pernas, facilmente? Alguma fissura pode acontecer aí. Se isso for verdadeiro, resta a pergunta maior de todas: por que, então, essa localização?

Sem um trabalho transdisciplinar, como costumam dizer hoje, entre as ordens de saber, psicanálise, psiquiatria, fisiologia, etc., que são extremamente precárias, não se encontrará como achar essa coisinha. O campo que o psicanalista trabalha, o dos transportes do Primário ao Secundário, já é extremamente difícil, não se consegue muito. Imaginem, então, lidar com isso do Secundário ao Primário! Acho que, se o psicanalista tiver a ferramenta adequada, o teorema preciso, teremos um bom lugar para debater aí. É preciso aumentar as transas entre os saberes, pois só no grande movimento de troca de informações, de exercícios e de práticas, talvez possamos entender como algumas pequenas formações passam. E mais, não adianta supor que os mapeamentos já conseguidos sejam grande coisa, mesmo porque qualquer pesquisador sério sabe que o efeito placebo tem uma vasta região estatística dentro dos acontecimentos ditos psicossomáticos.

Muito obrigado pela atenção.

- Pergunta - *Para cada registro haveria um lock?*

Sim, para cada caso.

- P - *O Primário não teria um lock específico que pudesse ser desvendado?*

Suponho que já tem. Tanto é que ele não é Secundário. Tanto é que o Secundário não se dá espontaneamente.

• P - *Então, há graus dentro das passwords que abriam os locks?*

É este o problema, pois é preciso de um hiper-computador para lidar com isso. Deve haver *locks* específicos entre os registros. Sobre-tudo, no Primário e no Secundário. E sobretudo deve haver macroformações com seus *locks*, microformações com seus *locks*, uma célula com seus *locks*. Por exemplo, alguém tem um vazamento, uma facilitação, numa celulazinha - por stress criado por uma grande formação do Secundário ou numa célula lesada - e aquilo começa a proliferar numa loucura cancerosa. Parece um negócio enorme, mas pode ser uma bobagenzinha, por exemplo. Não sei. O pior é que sou inteiramente ignorante.

• P - *Você supõe que uma intervenção no Secundário, uma intervenção analítica, possa provocar novas facilitações? Este seria o princípio da cura?*

Uma intervenção analítica é isso.

• P - *A qual se referencia à ordem do Originário.*

Sem referência ao Originário, o Secundário não se mexe. Ele é recalitrante, chato, pentelho.

• P - *A cura pode ser entendida como uma ordem de modificação nesses vícios, nesses hábitos, que disponibiliza para outras possibilidades, novos hábitos, novos vícios.*

O termo que uso é: *liquidez*. Como produzir liquidez no Secundário?

• P - *Até que ponto, então, a intervenção que se referencia ao Originário não é (não uma imitação do que é da ordem do Primário, mas) uma imitação, no Secundário, do que é da ordem do Originário, e por conta disso tem força de lesão? Será que, na ordem do fenômeno psicossomático, da lesão psicossomática, também não é algo do Secundário que tem uma força de lesão tal porque imita uma ordem do Originário?*

Sim. Não podemos fazer juízo de moral e dizer ao câncer que ele é um escroto, por exemplo. Não adianta xingar a psoríase, que, às vezes, nada tem a ver com o Secundário no sentido direto. Tenho psoríase todo verão. Não é uma maluquice direta, e sim a maluquice de as pessoas terem a obrigação de usar roupa no verão. Aí, em todo lugar onde aperta, lesa e nasce psoríase. É o Secundário me obrigando

a vestir roupa e eu tendo o vício e a doença de usar roupa apertada na cintura que produz a psoríase. O médico dirá que é uma psoríase de traumatismo. Sim, mas o traumatismo é feito por essa doença. Se não, eu tirava a roupa e ficava numa boa. Então, existem talvez mecanismos de trauma outros. O importante em sua pergunta é: se uma psoríase nasce por trauma de contato, por uma roupa apertada, só no verão, no lugar onde ela aperta, em que lugar outras formações secundárias apertam de outro modo as primárias? É preciso procurar por isso, que, às vezes, nem sempre é tão simples quanto um cinto apertado, é algo um pouco mais sutil.

• P - *Seria um pouco o caso das mulheres obcecadas pelos atuais modelos corporais da moda?*

Aí seria caso de psicose. Elas não fazem transformações em seus corpos, e sim uma imitação (não histérica, de conversão, mas) de bloqueio de formações vigorosíssimas como hiper-recalque. São formações de referência que se tornam quase que naturais, quase primárias. Para mim, isso é a psicose.

• P - *Poderíamos dizer que o stress é uma dificuldade ou uma força superior ao que o indivíduo pode suportar? Por exemplo, hoje, ele está tendo que buscar novas programações, novas formações secundárias, pois não está conseguindo ficar apenas com as que aí estão. As pessoas estão pifando em algum ponto.*

Aí, temos a questão fundamental. As pessoas, os sistemas, as nações, estão pifando por falta de referência. A referência costumeira tem sido às fundações do Secundário, as quais estão todas pifando. As crenças estão pifando. É claro que, no nível de certa ignorância e de certa boçalidade, para não dizer menos, vemos grupos como as novas igrejas, os movimentos ditos místicos, que de místicos não têm nada, que são a tentativa de fazer funcionar um alicerce, uma fundação, na qual, aliás, **não** crêem... Quando creio em algo, fico sereno, pois a coisa vai funcionar já que creio nela. Se creio que o inconsciente funciona, fico esperando, no consultório, até funcionar. Ou, se não, jogo Freud, Lacan, todos, no lixo. Mas quando não creio, crio movimentos de convencer... Isso que foi colocado é interessante na medida em que, justamente, somos recalcitrantes demais em relação aos recalques estabelecidos. Então, pergunto: o que está fazendo a psicanálise que, com cem anos, não consegue soltar as pregas das

moças (moça é qualquer um, não importa se macho ou fêmea)? Estão todos com as pregas presas e, no momento em que é preciso de pregas soltas para podermos (não nos adaptar, mas) nos virar, a psicanálise não consegue soltar-lhes as pregas. Será que cem anos já deram para broxar? Ou é porque ela nunca foi exercida com o vigor e a força com que nasceu? É questão para nós outros.

• P - *Você diria que a psicanálise virou um preconceito?*

Aí, entramos numa discussão sobre a psicanálise. Acho que ela virou uma verdadeira joça. Qualquer seita funciona igualzinho. O psicanalista tem pouquíssima disponibilidade, hoje, pois está extremamente adaptado ao mundo. Que finjamos para os leigos - não se vai fazer seminário para cachorro, pois ele morde - certa semelhança com o mundo, tudo bem, mas se o psicanalista se vê tão bocó quanto o leigo, aí já não dá. A chamada Formação do Analista é que é uma merda (desculpem o conceito científico, freudiano). É da pior espécie a nossa formação.

• P - *Graças a Deus, não só a nossa.*

Se fosse só a nossa, talvez o mundo estivesse melhor. Mas nós outros não temos nada a ver com a casa do vizinho, embora os telhados sejam todos de vidro.

• P - *Mas a gente convive com ele.*

Por que não podemos ser artistas o suficiente para fingir em nossa convivência com eles e, aqui, entre pares, ser um pouco mais precisos, mais contundentes? O pior é que as instituições psicanalíticas - sobretudo a que frequento, não vou falar da dos outros -, como todas, aliás, são de uma mediocridade espantosa no nível do psicanalítico.

• P - *O homem não é, de certa forma, essencialmente medíocre?*

Essencialmente, não. Ele é imbecilmente medíocre, está cercado de mediocridade, mas, essencialmente, segundo meu teorema, é o Revirão. Ele se *comporta* como um débil mental. Depois de pensar muito, acha que, para lidar com a turma, é melhor ir navegando por aqui, por ali. Uma coisa é eu ser debilóide. Outra, é, entre outras coisas, eu saber fazer o papel de debilóide. O analista deve ter as pregas soltas, mesmo que não possa ficar mostrando isto para as pessoas. Ele chega com cautela. O fenômeno que está acontecendo é que não temos condições de manter o vigor que havia no momento da criação

freudiana, por exemplo. Era um bando de débeis mentais, uma corja, como ele dizia, mas havia um vigor. O vigor com que convivi um pouco em torno de Lacan: era um **movimento**. Sem o aparelho de algum **movimento**, caímos no marasmo. Quem sofre é a tal Formação, que resta na repetição medíocre de frases feitas, sem o entendimento dos conceitos, com os analistas nas instituições fazendo saraus, coquetéis, congressos, para um aplaudir as bobagens do outro. É só um lugar onde as pessoas, mediante anúncios e trocas de amabilidades, arranjam sempre meia dúzia de clientes para sobreviver. Mediocrementemente, com um salário de bosta, mas sobrevivem. Para que serve isso? Para nada. Perdeu-se o vigor da coisa. Tudo já foi dito. Podiam, aliás, pelo menos, exercitar-se no uso pessoal daquilo que já foi dito. Por exemplo, fazer análise. Não é preciso de analista. Façam análise nas paredes, se esfreguem no muro, rocem o cu nas ostras, como se diz em bom brasileiro. Os médicos e outras profissões são mais competentes, têm um aparelho mais eficaz. O aparelho que o analista teria seria pensar e manter o rigor, porque é o que ele tem. Se ficar brincando de uma corporação que tem saberes constituídos, vai perder para qualquer bispo... Macedo ou Mais-tarde.